

## ASPECTOS COGNITIVOS E PRAGMÁTICOS DAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS CONTRAFACTUAIS.

FERNANDA APARECIDA RAPOSO MEIRELES<sup>1</sup>  
(UFRJ)

**Abstract** This paper takes a sociocognitive approach on conditional counterfactual constructions in Brazilian Portuguese. Following work on Construction Grammar (Fillmore & Kay 1993, Goldberg 1995), it is argued that tense and mood are related to contextually determined phenomena such as epistemic stance and epistemic distance. The main argument is that past morphology is responsible for hypothetical or counterfactual interpretations. Moreover, this fact shows the interaction between verbs and constructions, confirming the Construction Grammar's viewpoint.

Este trabalho faz parte do projeto de doutorado intitulado “A expressão lingüística do raciocínio contrafactual”, desenvolvido por mim na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em nível nacional, tal projeto vincula-se ao Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição. A proposta da Lingüística Sociocognitiva constitui o arcabouço teórico principal na análise dos dados. Em sintonia com a abordagem escolhida, ratifico os pressupostos teóricos básicos. Dentre eles, está a escassez do significante, o qual entende que a forma lingüística sozinha não dá conta de explicar o processo de produção e interpretação do significado. Há sempre a necessidade de recorrer-se a outras semioses, tais como os sinais fornecidos pelo contexto. Na verdade, as formas lingüísticas atuam sinalizando processos cognitivos e interacionais bastante amplos. Nesse ponto, concordo também com a postulação comum aos estudos pragmáticos de tratar a interação humana enquanto drama, cujos papéis, enredos e molduras interacionais estão sujeitos às demandas do contexto.

Além desses pressupostos supracitados, a abordagem sociocognitiva convida para a análise do fenômeno lingüístico a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER 1985), a Teoria da Metáfora (LAKOFF e JOHNSON 1980), a teoria da mesclagem (FAUCONNIER & TURNER 2002), os estudos em Gramática das Construções (FILLMORE & KAY 1993, GOLDBERG 1995, MANDELBLIT 1997).

A análise do *corpus* tem me permitido elencar uma série de construções contrafactuais de base sintática, isto é, construções que envolvem períodos compostos. No momento detenho-me na análise de construções contrafactuais de base sintática condicional, tal como a construção que se segue: “...se nós tivéssemos mantido aquele primeiro momento (+) nós teríamos chegado na moldura do texto (+)...”. O *corpus* escolhido é formado por transcrições de reuniões pedagógicas entre professores da rede estadual de ensino de Minas Gerais e professores formadores oriundos da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tais reuniões fazem parte de um projeto de formação continuada de professores, promovido em conjunto pelo Ministério da Educação (via UFJF) e pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. O projeto tem características peculiares. As reuniões, cujo tema central é a discussão da prática escolar de leitura, acontecem na biblioteca da escola-sede com

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Lingüística – UFRJ.

os professores em círculo. Tal situação relativiza os papéis sociais, gerando uma proximidade maior entre professor formador e professores da rede estadual. O professor formador é responsável pela pauta do dia, mas os encontros são marcados pela discussão da pauta apresentada. Em resumo: não há a disposição falante e ouvinte comum a contextos de palestras e sim uma reunião pedagógica bastante conversacionalizada (MIRANDA, 2000).

Essa nova configuração da moldura de projeto pedagógico permite entrever aspectos pragmáticos sutis na escolha das formas lingüísticas. Tais sutilezas podem ser percebidas a partir da constatação de que os falantes produzem construções condicionais contrafactuais com uma grande variedade de combinações modo-temporais. Dentro desse leque de combinações, é possível citar:

⇒ Prótase: PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO + Apódose: FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES: “*Se a gente chegasse aqui ó gente tá aqui esse texto (+) vocês façam assim assim assim (+) mas aí vocês não teriam esse processo que vocês tão vivendo (+)*”

⇒ Prótase: PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO DO SUBJUNTIVO + Apódose: FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES: “*...se você tivesse escrito isso com uma linguagem formal esse texto não teria aqui é a linguagem perfeitamente adequada (+)*”

⇒ Prótase: PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO + Apódose: PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO: “*(+) é exatamente por isso que vale a pena contá (+) porque se fosse prá continúa do jeito que é ninguém parava pra contá um caso (+)*”

## **MESCLAGEM GRAMATICAL NAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS CONTRAFACTUAIS:**

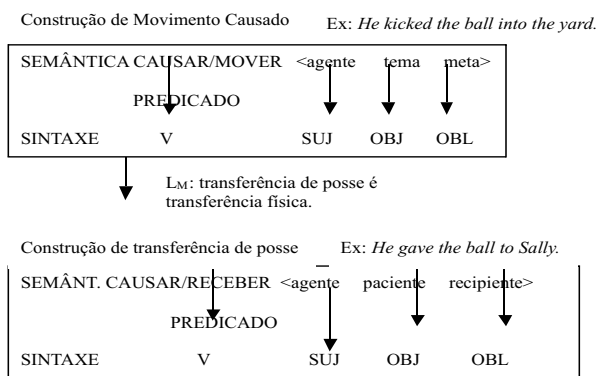
Para a análise dos dados, lanço mão dos pressupostos concernentes à Gramática das Construções, particularmente GOLDBERG (1995) e MANDELBLIT (1997). Os estudos em Gramática das Construções são herdeiros de três movimentos dentro da lingüística americana do final da década de 80. O primeiro desses movimentos vem de George Lakoff com suas redes polissêmicas e é coroado com a publicação, em 1987, de “*Women, fire and dangerous things*”. O segundo movimento é constituído pelos estudos de expressões idiomáticas, desenvolvido desde o início da década de 80 por Charles Fillmore e Paul Kay. Uma terceira vertente se deve a Adhele Goldberg que, com suas análises sobre variação de valência em construções de estrutura argumental, publica, em 1995, uma das principais obras da área: *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Todas essas linhas têm por mérito recolocar a discussão sobre construções lingüísticas no centro dos debates em linguagem.

Em comum, todos postulam que construções lingüísticas – configurações sintáticas em correspondência com indicações semântico-pragmáticas – relacionam-se por laços de herança. Assim, o fenômeno lingüístico é visto em termos de um continuum que parte de construções mais simples para construções mais complexas. Duas vantagens tornam-se corolários dessa visão: enfraquece-se as distinções entre os possíveis módulos da gramática (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) e lança-se mão de ferramentas teóricas com grande poder explicativo.

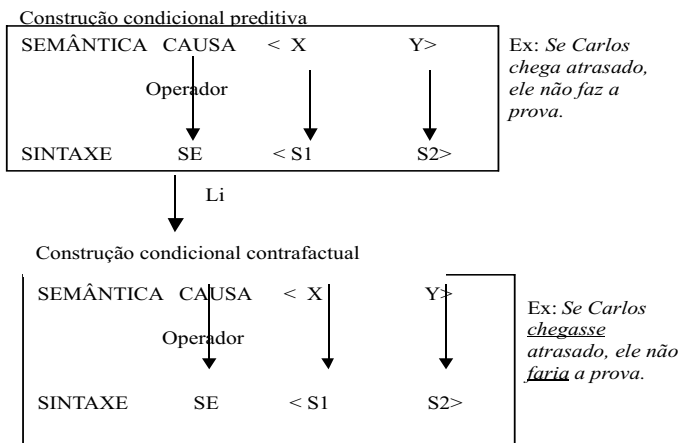
A postulação de um sistema de construções geradas e sustentadas em rede por laços de herança é materializada diferentemente pelos grupos supracitados. Fillmore e Kay defendem o modelo completo de herança, no qual a construção B herda todos os aspectos da construção originária A. Lakoff e Goldberg trabalham com o modelo normal de herança em que as informações herdadas de A não podem conflitar com informações específicas de B. Em outras palavras, herda-se somente

aquilo que não entra em confronto com algo já existente. Nili Mandelblit (1997) em sua tese de doutorado “*Grammatical Blending: Creative and Schematic Aspects in Sentence Processing and Translation*” propõe um novo modelo, mais processual, o qual entende que a herança advém de processos de mesclagem. A pesquisadora denomina tal modelo de mesclagem gramatical. Neste trabalho, adotando o ponto de vista de GOLDBERG 1995, mostro como a construção condicional contrafactual é motivada pela construção condicional preditiva ou de conteúdo (DANCYGIER 1993, SWEETSER 1990, 1996). Por outro lado, lanço mão da proposta de MANDELBLIT 1997 com o objetivo de descrever a interação entre morfologia verbal e construção na produção do significado contrafactual, via mesclagem gramatical.

Goldberg (1995) opta por estudar construções sentenciais básicas (ou construções de estrutura argumental) vindo neste tipo de construções fórmulas lingüísticas de codificação de eventos gerais: alguém faz alguma coisa para alguém; alguma coisa se move; alguém causa alguma coisa mudar de estado, alguém possui alguma coisa; etc. Estas cenas básicas da vida humana formam a contraparte semântico-pragmática de frames sintáticos específicos. E de uma cena básica e/ou de um frame sintático é possível derivar outras construções, as quais se relacionam com as construções originais através de laços de herança. Goldberg (1995) postula os seguintes laços de herança entre construções: laços de polissemia, laços de subparte, laços de instanciação e laços de extensão metafórica. Este último laço é responsável por relacionar uma construção de transferência de posse como “*He gave the ball to Sally*” a uma construção de movimento causado como “*He kicked the ball into the yard*”. A metáfora transferência de posse é transferência física sustenta a relação entre as duas construções:

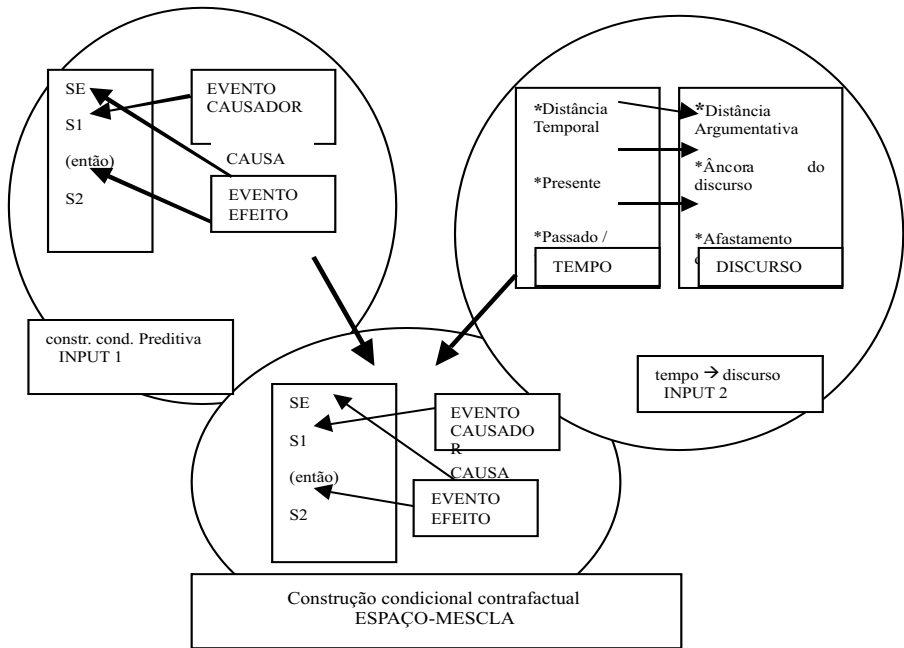


Seguindo-se o modelo de Goldberg (1995), é possível postular algo semelhante para explicar a relação entre as construções condicionais contrafactuals e as construções condicionais preditivas ou de conteúdo. Condicionais preditivas apresentam uma dependência causal entre os eventos da prótase e da apódose e, por essa razão, podem motivar as condicionais contrafactuals. A relação entre elas fica assim representada:



A estrutura sintática é replicada, mas a semântica da construção sofre variações, sinalizadas pelas formas verbais. Observe que uma primeira possibilidade de variação modo-temporal é a combinação Imperfeito do Subjuntivo/Futuro do Pretérito (*Se Carlos chegasse atrasado, ele não faria a prova*). Podem existir outras, como, por exemplo, Pretérito Mais-que-Perfeito do Subjuntivo/Futuro do Pretérito Composto (*Se Carlos tivesse chegado atrasado, ele não teria feito a prova*). Os dados que estão sob minha análise são construídos a partir de uma variedade de combinações modo-temporais. Que tipo de laço permite mostrar as sutis variações pragmático-semânticas, expressas pelas formas verbais?

Apenas um modelo processual permite formalizar as nuances modo-temporais características das construções condicionais contrafactualis. Esse modelo, proposto pelo trabalho de Mandelblit (1997), retoma uma proposta anterior de Fauconnier e Turner (1996) – o processo cognitivo de mesclagem. Na verdade, essa proposta é herdeira direta da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier 1985). O processo cognitivo de mesclagem advém da integração conceptual de diversos domínios em um único espaço mental – o espaço-mescla – gerando uma nova estrutura, herdeira, mas diferente dos domínios inputs. Surge, a partir dessas considerações, a hipótese geral que norteia a análise das construções em foco: *construções condicionais contrafactualis sinalizam processos de mesclagem gramatical*. É esse processo de mesclagem que vai dar conta das combinações modo-temporais porque permite demonstrar a ação do domínio de tempo dentro da construção contrafactual. Na verdade, a temporalidade presente nas condicionais contrafactualis não é dêitica, antes trata-se da projeção do domínio do tempo no domínio do discurso via metáfora (LAKOFF & JOHNSON 1980). Em sintonia com a proposta de tratar a geração de construções a partir do processo de mesclagem (MANDELBLIT 1997), descreve-se do seguinte modo a produção/interpretação de um condicional contrafactual: Existe a integração de dois domínios conceptuais. No domínio 1, é estruturada a correspondência entre as contrapartes sintática e semântico-pragmática da condicional preditiva. No domínio 2, é estruturada a projeção metafórica do domínio do tempo no domínio do discurso. A integração de 1 e 2 gera a condicional contrafactual, a qual herda do input 1 a estrutura sintática e a relação causal entre eventos e do input 2, a variação modo-temporal. O diagrama abaixo mostra o processo geral de mesclagem gramatical:



## ASPECTOS PRAGMÁTICOS DA MORFOLOGIA MODO-TEMPORAL EM CONDICIONAIS CONTRAFACTUAIS:

Agora que já foi encontrado, dentro dos parâmetros da Gramática das Construções, um modelo que dê conta de explicar os detalhes da produção do significado contrafactual em construções condicionais, passa-se a discutir as razões pragmáticas para a escolha das combinações modo-temporais. Assim, lanço a seguinte hipótese: *A metáfora 'distância temporal é distância argumentativa' motiva o estabelecimento de combinações modo-temporais.* Cabe-nos, agora, levantar os contextos discursivos que levam o falante a optar por uma combinação em detrimento de outras. Num confronto entre formas de Imperfeito e Mais-que-Perfeito (ambos do Subjuntivo) é possível antever que a segunda forma reforça o significado contrafactual, enquanto a primeira pode apenas sugerir-lo. Se assim o for, chega-se a uma escala temporal que replica uma escala argumentativa, denunciando o posicionamento do falante em relação ao que enuncia.

Em um primeiro exemplo, encontramos prótase com forma de Pretérito Imperfeito do Subjuntivo e apódose com Futuro do Pretérito do Indicativo Simples. Este trecho do *corpus* é bastante produtivo em termos de construções contrafactuals. Na fala de F (professora formadora) aparecem várias construções contrafactuals em seqüência. Observe o trecho sublinhado no quadro. Da seqüência aproveitaremos para análise somente a construção em **negrito**:

**CONTEXTO:** Reunião de avaliação de um Seminário de Leitura promovido pela escola-sede do projeto junto com a Universidade.

**PARTICIPANTES:** professora formadora (F) e professora de rede estadual (E).

F: você tá falando da sua mudança você acha que essa mudança em sala que esse evento foi a culminância disso do cotidiano (+) dos alunos

E: não (+) não (+) exatamente isso (+) eu não tô falando pelo evento tô falando pelo resultado em sala de aula

F: em sala de aula

E: é porque eles conseguem se comunicar mais com a gente e a gente com eles (+) falta elaborar mais isso (+) mas

F: [proposta de trabalho]

E: exatamente mas eu acho que o fio que a gente não conseguia nós já (+) com certeza

F: ( )

E: o fio condutor com certeza

F: que bom (+) vocês observem que vocês bom ou (+) eu não sei se vocês observaram que eu não quis dar o fio pra vocês eu tenho tá eu tenho tá

E: aliás a minha angústia era essa (+) que me desse o fio

F: eu sabia que se eu chegasse e desse meu fio (+) não seria o fio que vocês estariam construindo (+) queria que vocês construíssem um fio diferente. (+) então vocês observem que é um trabalho mais lento ele é mas penoso (+) mais sofrido (+) mas quando a pessoa acha o fio ela tem essa coisa que você tá sentindo (+) que você não sentiria se se você tivesse tido pronto (+) porque você tá sentindo isso porque você tá descobrindo o fio e isso ninguém vai te tirar (+) as pessoas dão prontinho pra gente os outros tiram

No período negrito acima, o falante claramente assume um posicionamento epistêmico negativo ao contrapor o domínio condicional contrafactual a uma afirmação anteriormente feita: “*eu não sei se vocês observaram que eu não quis dar o fio pra vocês...*”. Isso impede que o domínio condicional possa migrar de volta ao espaço-base – âncora do discurso. A prótase é estruturada por dois eventos [CHEGASSE] e [DESSE]. Esse domínio discursivo projeta um outro domínio, no qual o evento [NÃO SER O FIO QUE VOCÊS ESTARIAM CONSTRUINDO] é estruturado como PREDIÇÃO (CUTRER 1994). Essa estruturação do evento como PREDIÇÃO sinaliza maior distanciamento epistêmico do falante. Tratar algo como PREDIÇÃO é dizer da sua possibilidade de concretização e não de sua concretização. A visão do evento como de possível concretização pauta-se numa crença de que a conexão causal que une prótase e apódose é fraca. Esse distanciamento é reforçado ainda pela presença da forma de Imperfeito do Subjuntivo que, apesar de sinalizar postura epistêmica negativa neste caso, não é um marcador forte de contrafactualidade.

Uma nuance um pouco diferente advém da presença de formas de Pretérito Mais-que-Perfeito do Subjuntivo, no domínio discursivo da prótase, combinada com formas de Futuro do Pretérito Indicativo Simples, na apódose. No exemplo abaixo, a postura epistêmica negativa fundamenta-se na dupla camada de passado que sustenta a oração subordinada. Fato que reforça a leitura contrafactual. Entretanto o distanciamento epistêmico mantém-se forte, pois o evento da oração nuclear ainda é tratado como PREDIÇÃO. A construção com Pretérito Mais-que-Perfeito do Subjuntivo e Futuro do Pretérito Indicativo Simples é:

F: porque ela pode ver você pode trabalhar um texto dela e mostrar que foi intenção desse texto (+) e mostrar outro texto com a intenção do outro (+) ela vai compreender a diferença (+) e aí você pode fazer um exercício de tradução você pode até usar a linguagem formal nesse texto e ele tá teirinho heim G. **se você tivesse escrito isso com uma linguagem formal esse texto não teria aqui é a linguagem perfeitamente adequada** (+) te então é isso que a criança tem que entender (+) a propriedade de acordo com o contexto com o texto que ela vai fazer (+) então não há nenhuma proibição de giria pode ou não pode onde que pode e onde que não pode (+) é isso que vai ter que entender tá vamo ver mais nesse parágrafo vê se vocês encontram mais algum intensificador vê se vocês acham aí (+) nesse parágrafo (+)

Contrapondo as construções “*se eu chegasse e desse meu fio (+) não seria o fio que vocês estariam construindo*” e “*se você tivesse escrito isso com uma linguagem formal esse texto não teria aqui é a linguagem perfeitamente adequada (+)*”, percebemos que a segunda é ‘mais’ contrafactual que a primeira por conta de possuir em sua prótase uma forma verbal fortemente contrafactual. No jogo Imperfeito do Subjuntivo/Futuro do Pretérito Simples e Pretérito Mais-que-Perfeito do Subjuntivo/Futuro do Pretérito Simples, o PASSADO duplo reforça a contrafactualidade da segunda construção.

Uma terceira construção vem a adicionar mais um ponto nesta escala. Trata-se de uma construção condicional contrafactual marcada por formas verbais PERFECTIVAS tanto na prótase quanto na apódose – Pretérito Mais-que-Perfeito do Subjuntivo e Futuro do Pretérito Indicativo Composto:

**CONTEXTO:** Discussão sobre o desenvolvimento do projeto.  
**PARTICIPANTES:** LS – professora da rede estadual

LS: Nesse momento por ter perdido aquele momento (+) perdeu aquela parte exatamente E. que prá nós discutirmos a montagem o nosso grupo fez muito isso (+) e nós discutimos a montagem dessa aula aqui a gente usou muito do que a gente aprendeu naquele primeiro momento (+) tá o porquê que o texto se divide dessa e dessa forma a sabe o que que é a motivação (+) aquelas coisas todas daqueles passos todos e d e repente aquilo faltou (+) que não foram nos passadas todas as informações e foi cortado e partimos como que de repente para a prática pra mim particularmente fez muito mal (+) fez muito mal (+) porque eu estava tirando dali para aplicar na prática (+) sã o teorias bem fundamentadas como a N. colocou aqui (+) a gente não tem uma norma uma regra (+) mas existe uma como que uma a.: (+) um convênio né (+) no mundo se faz dessa forma (+) todos os textos de qualquer lugar do mundo tem uma moldura (+) mas olha s ó hoje nos foi dado (+) dentro da prática (+) **se nós tivéssemos mantido aquele primeiro momento (+) nós teríamos chegado na moldura do texto** (+) que essa parte foi cortada antes (+) então em que ponto que eu quero chegar (+) num seria melhor pra nós que ficamos deficientes naquele gráfico lá de leitura (+) nos abastecermos mais primeiro (+) antes de chegarmos nesse momento aqui (+) não estou descartando esse momento to achando ele importantíssimo (+) mas eu estou eu pessoalmente (+) particularmente bem egoisticamente falando (+) eu me senti cortada pela metade (+) pra chegarmos nisso aqui (+) aí estamos chegando nisso aqui (+) eu estou chegando nisso aqui (+) porque de repente vocês não tão sentido assim eu não posso falar por ninguém (+) eu estou me sentindo aqui (+) metendo o pé pelas mãos usando o que eu aprendi (+) e o que eu não sei ainda (+) aplicando

Logo de início, LS reclama de um momento no projeto em que uma discussão sobre trabalho com texto foi interrompida, nem todas as informações foram passadas. Essa interrupção, segundo a professora, é a responsável por sua prática pedagógica deficitária. Essa posição é sustentada posteriormente pela enunciação de um período condicional contrafactual, apresentando uma situação alternativa na qual todo o debate sobre trabalho com texto é feito e, por isso, ela poderia abordar com os alunos a questão da moldura do texto. As formas verbais utilizadas na construção condicional claramente indicam postura epistêmica negativa dada a impossibilidade da situação alternativa se realizar factualmente. A situação alternativa postulada é desanalógica em relação à situação efetivada no espaço-base. A capacidade argumentativa do exemplo em questão vem da postulação de uma forte conexão causal entre os eventos [MANTER AQUELE PRIMEIRO MOMENTO] E [CHEGAR NA MOLDURA DO TEXTO].

Nas análises anteriores, vimos que uma relação entre formas verbais PERFECTIVAS é responsável por reforçar a leitura contrafactual de um período condicional, possibilitando que uma construção, assim caracterizada, se coloque em um ponto mais alto na escala de contrafactualidade. Porém uma nova construção trazida para análise, a qual é marcada pela relação Pretérito Mais-que-Perfeito do Subjuntivo/Pretérito Imperfeito do Indicativo, faz com revisemos a proposta anterior, pois nesse caso o domínio da apódose é estruturado por uma forma IMPERFECTIVA (Pretérito Imperfeito do Indicativo), mas sua interpretação sugere menor distanciamento epistêmico. A construção a que nos referimos segue negritada no trecho abaixo:

**CONTEXTO:** discussão de prática pedagógica de construção de textos.

**PARTICIPANTES:** professora formadora (F) e professoras da rede estadual A, N e G.

A: Eu não me sinto eu não culpo só aos alunos não eu acho que eu tenho uma parcela de culpa nós trabalhamos com pouca construção de texto (+) dentro da literatura

F: Tá

A: eu me culpo por isso aqui mas só dela ter construído esse tipo de personagem eu acho que já foi um grande avanço pela turma

F: eu não acho que você tem que se culpar

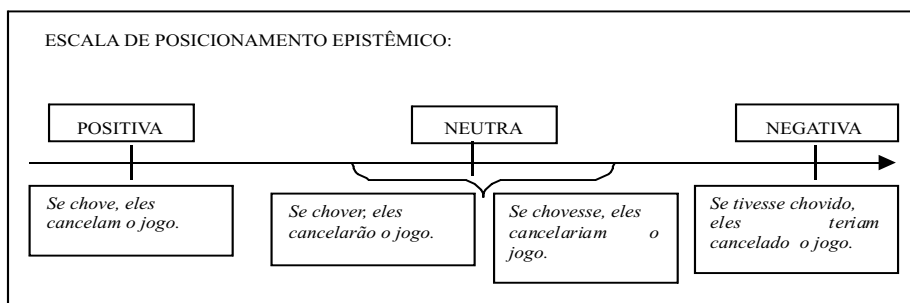
A: Não eu acho que sim porque nós também pecamos também eu acho que **se eu tivesse trabalhado mais com eles a escrita eu acho que eles já estavam... mais**

G: eu acho tia A. que o livro o texto do Menino Maluquinho tanto o filme trabalha muito o personagem do Menino Maluquinho então ela a criança reproduziu o seu ponto de apoio

Na busca de resolver o problema, remetemo-nos a Iatridou (2000) e à sua proposta de ‘fake tense’ e ‘fake aspect’, que, mesmo não se alinhando à abordagem aqui adotada, oferece um insight interessante para a discussão da relação verbo/construção na contrafactualidade. A autora mostra que, em casos como “*Se ele tomasse a sopa, ele melhoraria*”, pode-se postular ou não uma leitura contrafactual. Essa possibilidade surge do fato de termos uma morfologia verbal de PASSADO sem interpretação temporal passada, ou seja, um ‘fake tense’. Temos, também no exemplo dado pela autora, uma morfologia IMPERFECTIVA com leitura PERFECTIVA, na verdade, um ‘fake aspect’. Percebe-se, com essa proposta, que, na contrafactualidade, a morfologia temporal não atua deitivamente, mas permite referências temporais diversas. Ainda segundo Iatridou (2000), em casos de construções contrafactuais marcadas pela morfologia de Pretérito Mais-que-Perfeito, a leitura contrafactual é possível porque existem duas camadas de passado, uma atuando como ‘fake tense’ e a outra permitindo a interpretação temporal.

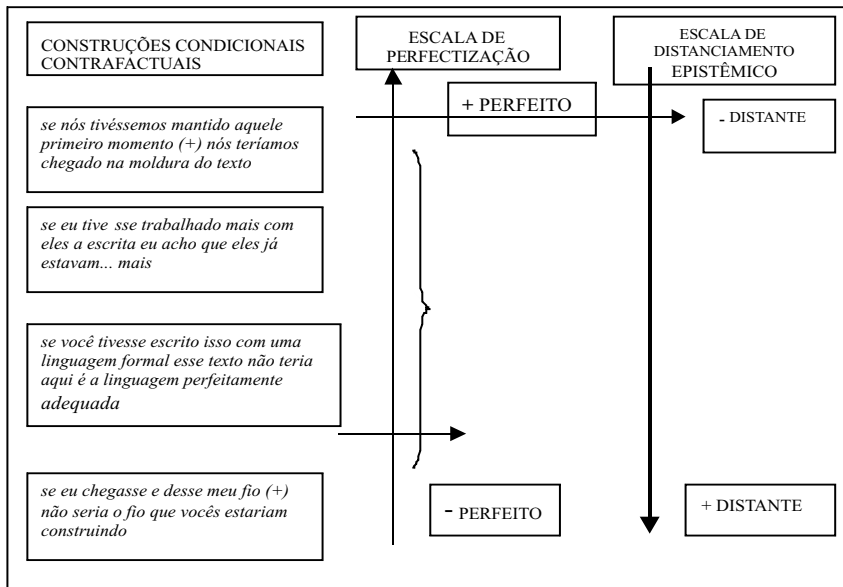


Nesse momento, faz-se necessário retomarmos e definirmos melhor as propostas de escalonamento que, no decorrer da análise acima, foi apenas sinalizada. Nas construções condicionais contrafactuais é possível perceber a presença de três noções escalares: postura epistêmica, distância epistêmica e contrafactualidade. A primeira delas é marcada por três pontos bem nítidos – positiva, neutra ou negativa. Entretanto a existência de construções lingüísticas que não se encontram fixas precisamente em nenhum desses pontos, permite que relativizemos essa noção, procurando vê-la em termos de um contínuo. Fato que é bastante adequado à visão de gramática preconizada pela Lingüística Sociocognitiva. Um exemplo disso encontra-se justamente nas construções condicionais com formas verbais de Imperfeito do Subjuntivo e Futuro do Pretérito Simples. Somente a análise contextualizada dessas construções permite inseri-las como sinalizadoras de postura epistêmica neutra ou negativa. Tais formas podem indicar ou sugerir contrafactualidade. Postulemos um quadro demonstrativo da escala de posicionamento epistêmico:



Essa escala acima mostra-se bastante simplificada, pois muitas outras construções poderiam entrar no jogo, ampliando sensivelmente a escala. Queremos apenas demonstrar que o processo de posicionamento epistêmico é fluido e orgânico, não se resumindo a posições estáticas. Mais uma vez, posicionamo-nos a favor da abordagem sociocognitiva – a construção pode sinalizar estabilidade, mas nunca representa algo estático e coisificado.

Fenômeno semelhante ocorre com a categoria distância epistêmica. Relembrando que entendemos distância epistêmica como um movimento discursivo do falante de se aproximar ou se distanciar da relação entre os eventos da estrutura condicional, pautado no grau de vinculação causal entre esses eventos, percebemos, nas construções condicionais contrafactuais, uma escala que vincula o processo de distanciamento epistêmico ao processo de perfectização – isto é: quanto mais perfectizado é o evento, mais o falante se aproxima. Observemos essa relação:



## CONCLUSÃO:

As análises apresentadas permitem-nos defender um estudo cognitivo do fenômeno linguístico que considere a inserção sócio-histórica do sujeito. Na verdade, postulamos mecanismos cognitivos que, colocados em ação pela prática social, permitem ao ser humano construir uma visão do mundo e do próprio ego. No decorrer do processo de construção da 'realidade', somos atores que representamos o mundo e a nós mesmos (SALOMÃO 1999). Focando a linguagem dessa perspectiva, amplia-se o campo de estudo da Linguística, gerando uma visão não-reducionista da linguagem, mas uma visão complexa e orgânica. O pesquisador se constrói (e se desconstrói) na busca de interpretar o mundo e o outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COULSON, S. (1997). *Semantic Leaps: the role of frame-shifting and conceptual blending in meaning construction*. Dissertation for the degree Doctor of Philosophy in *Cognitive Science*. University of California, San Diego.
- CUTRER, L. M. (1994). *Time and Tense in Narrative and in Everyday Language*. University of California, San Diego.

- DANCYGIER, B. (1993). Interpreting Conditionals: Time, Knowledge and Causation. *Journal of Pragmatics*, 4034.
- DUCROT, O. (1972). *Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique*. Paris: Herman Éditeurs.
- EEMEREN, F. H. van. (2002). *Argumentation: an overview of theoretical approaches and research themes*. Online Journal: [www.argumentation.spb.ru](http://www.argumentation.spb.ru).
- \_\_\_\_\_ (1996). *Fundamentals of Argumentation Theory*. Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_ & SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, Worlds & Grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1996.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ & TURNER, M. (2002). *The Way We Think – Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books.
- FERRARI, L. V. (1999). Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. *Veredas* 4 (4): 115-128.
- FIORIN, J. L. (2001). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática.
- GILLE, J. (2001). *Pautas argumentativas em el diálogo espontâneo*. Doctoral dissertation. Stockholm University.
- GOFFMAN, E. (1999). Footing. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.) *Sociolinguística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AG.
- GRYNER, H. (1990). *A Variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. UFRJ.
- \_\_\_\_\_ (2001). *A seqüência argumentativa: estrutura e funções*. Juiz de Fora: Veredas nº 7.
- IATRIDOU, S. (2000). The Grammatical Ingredients of Counterfactuality. *Linguistic Inquiry*, Volume 31, Número 2, 231-270.
- ILARI, R. (1997). *A expressão do tempo em Português*. São Paulo: Contexto.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MIRANDA, N. S. (1999). Domínio conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Veredas* 4 (4): 81-95.
- \_\_\_\_\_ (2000). *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. Tese de Doutorado, UFMG.
- SALOMÃO, M.M.M. (1996). Espaços Mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em português. *Projeto Integrado de Pesquisa*: Rio de Janeiro/Juiz de Fora.
- \_\_\_\_\_ (1997). Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, 1. (1): 23-39.
- \_\_\_\_\_ (1999). O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso. *Projeto Integrado de Pesquisa*: Rio de Janeiro/Juiz de Fora.
- SHIBATANI, M. & THOMPSON, S. (1996). *Grammatical constructions*. Oxford: Clarendon Press.
- SWEETSER, E. (1990). *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VIEIRA, A. T. (2002). *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo-interacional*. Dissertação de Mestrado, UFJF, 152pp.